

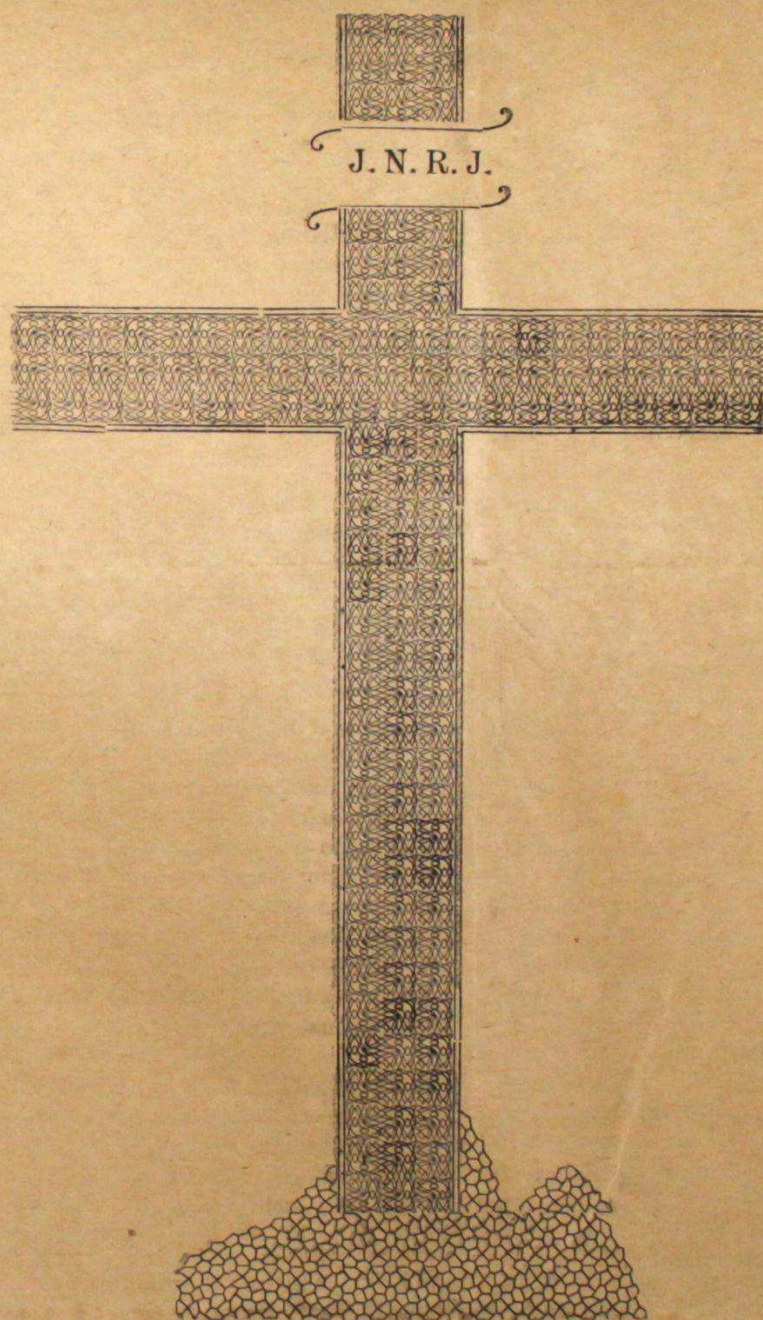
# VERDADE

« Pai perdoai-lhes porque elles não sabem o que fazem »

ANNO I

Florianopolis, 10 de Abril de 1903

N. 6



**HOMENAGEM PRESTADA**

A

**JESUS DE NAZARETH**

## VERDADE

10-4-903

Não é sómente dentro das igrejas, por entre canticos e luzes, onde as preces se evolvam juntamente com as nuvens de incenso que se desprendem dos thuribulos de prata, que se póde commemorar a morte do sublime Martyr, fundador d'essa religião tão pura e tão bella, feita toda de amor e perdão e que se chama o—christianismo.

Não é só nesses templos, repetimos, que se presta culto a Jesus de Nazareth, elle é tambem reverenciado dentro dos nossos corações, que qual preciosas custodias, guardam inviolaveis a lembrança do seu sagrado nome e onde fructifica a semente da sua sublime doutrina.

No dia de hoje, em que o mundo catholico prostrado ante os altares cobertos de crépe, relembra e chora o supplicio de Christo, cometteriamos um crime perante a nossa consciencia si não nos associassemos a essa dor que tambem nos dilacerára a alma. Dôr que não faz alárde, que não transparece, pois que é muda.

O nosso sentimento não dorme para só accordar no dia de hoje com o plangente soar dos sinos...

As nossas lagrimas, para correrem, não precisam ser provocadas com o apparato de espalhafatosas procissões.

Ha muito que choramos a morte do meigo Nazareno, como tambem ha muito que choramos a ingratição dos homens que adulteraram essa doutrina por elle ensinada, que era o seu ideal e que o pregou por fim aos braços de uma cruz.

Sentimentos como estes não se desvanecem; lagrimas assim não as enxugam as bordadas toalhas dos altares...

O nosso modesto jornal, folha perdida nesse campo vasto onde impera o fanatismo, esquece por momentos, a sua missão para consagrar-se á glorificação do nome de Jesus.

## Prece á Jesus

As nações se succedem umas as outras, como igualmente os homens, mas tudo marcha apesar de tudo—para a perfectibilidade.

O patriota que se extingue morre objectivamente, resurgindo subjectivamente, inspirando á sua Patria—esperanças no futuro.

A nação desaparecida tem sua historia, e esta se transforma em uma estrella, que guiará os novos magos que se portem em procura do novo Messias.

Dizer que a civilização é um mal, é erro imperdoavel; visto como ella representa moralmente para a especie humana, o que a humidade representa para a planta.

Ella illumina os cerebros, permittindo futuras gerações glorificar Jesus e executar Judas.

As aspirações do mundo antigo poderemos resumir em Socrates e Pythagors,

Platão e Aristoteles; e das grandezas de Roma perduram resistindo á lei do tempo, as fabulas de Homero, escriptos que immortalisaram o seculo de Augusto.

Nos tempos presente se voltarmos os olhos para o mundo, vemos a gloriosa França, marchando sempre na vanguarda do progresso humano.

Ferida as vezes, humilhada nunca, audaciosa em suas concepções e sonhos no futuro, canta, e ri mostrando ao mundo a Fé na immortalidade.

Porque?

Porque na França o coração e o cerebro se completam.

E tu oh! Patria brasileira o que és?

Estarás em plano opposto?

Certamente que não.

Tua gloriosa tradição protesta contra tal supposição.

Que fallem os heróes de Guararapes.

Que falle a gloriosa Republica dos Palmares.

E tú oh! Tiradentes ergue-te e mostra a esta geração de pusilanimes a tua Divina figura, calma, risonha e inabalavel em face dos martyrios que te estão reservados.

E tú oh! Mocidade Brasileira, corre a beber inspiração nos evangelhos patrios, afim de que sejas digna de Ti, do teu Deus e da tua Patria.

Constituirá este meu brado uma nota dissonante n'esta Homenagem que a «Verdade» presta a Jesus?

Certamente que não, visto como Jesus, não pode reter suas lagrimas ante Jerusalem que previa arruinada.

Este dia é reservado a Jesus e para elle volto-me.

Jesus é o dever em face do direito.

Christo deveria produzir o anti-Christo.

O anti-Christo é tudo que se oppõe a Christo. E' o direito esmagando o dever; o orgulho da dominação evitando a evolução consciente dos povos.

O anti-Christo divide os homens; é a vaidade de se julgar como a verdade excluindo os outros de conseguirem o mesmo fim.

O sacerdote de Christo é o homem, que vive, soffre com as dores alheias, ama a todos os homens e que sempre lucha pela Justiça. Não discute, não reprova, só conhece o perdão, a intelligencia e o amor.

A morte de Christo não foi o producto da canibalismo do povo Judeu; e sim a intolerancia do partido clerical Judaico.

E se Jesus em lugar de deixar-se morrer na Cruz tivesse ido a Roma e apunhalasse Tiberio, teria sido mais feliz?

Certamente que não.

Brutus matando Cezar salvou a Liberdade do povo Romano?

Protestar contra a violencia pela violencia é justifical-a.

E tu oh! Jesus sabias que o Mal se vence pelo Bem; a ferocidade pelo perdão. Sabias que a historia dignifica os que

se batem brava e Lealmente; a vergonha é reservada aos Trahidores e Covardes.

Fostes um Bravo e por isso és dignificado.

E eu oh! Jesus o teu mais indigno admirador n'este dia em que se commemora tua morte te dirijo esta prece:

Digna-te Jesus, derramar em meu cerebro um raio de tua luz e do teu heroismo; afim de que não desfaleça n'esta rua d' Amargura, que trilho lutando pelo «Bem» e que me restem forças para chegar ao meo «Calvario», por entre as imprecações dos indignos phariseus deste seculo, «que te amão nas palavras e te repudião no «Coração».

Pedro Maria Trompowsky Taulois

## JESUS

A individualidade de Jesus Christo, a sua pessoa, os seus actos, a sua missão, a sua doutrina da alma, representam para a humanidade um thema inexgotavel, cisterna profunda de onde os sedentes de vida procuram tirar a agua balsamica que limpa todas as impurezas e que applaca todas as feridas.

Por mais que os exegetas escavem no pó dos archivos seculares a feição exacta da sua personalidade, a essencia intima da sua verdadeira natureza, o significado fiel das suas palavras e das suas obras, a humanidade tropeça a cada passo, na recomposição d'esse enigma que palpitou e viveu, d'esse vulto tocado de maravilhoso, d'esse typo complexo e incomparavel de virtudes, e no meio da profusão dos argumentos nascidos da exegese apenas resalta Elle, como um grande symbolo, sem par, da Caridade, do Amor e da Humanidade.

E, para o nosso culto de hoje, não importa conhecer nem elucidar a natureza do corpo de Jesus Christo. O que importa é beber a longos haustos a sua doutrina de Amor, de Fraternidade e de Progresso.

Ainda não chegou a hora da colheita dos fructos, cuja semente Jesus lançou.

E'poca de materialismo em que a Sciencia, orgulhosa, debate-se em crises tremendas, tacteando na treva, tendo diante de si o Infinito, onde palpitam os insuperaveis mundos estellares; época de lutas puramente egoisticas em que os gozos transitorios, de prompta saeiedade, absorvem a totalidade dos homens, no torneio das vaidades, nunca, tanto como agora, se faz tão necessaria a acção da doutrina christã, despertando os homens para a verdadeira vida, que é a do espirito, para a verdadeira religião que é o cultivo, o apuro do sentimento e da intelligencia para a aquisição da Bondade e da Sabedoria.

Hoje que se celebra o exemplo do sacrificio, podeis adorar Jesus como a Divindade, porque elle foi o Enviado, o geometra da alma, para traçar o nosso destino e proclamar a Magestade Suprema da Creação.

Ide para os templos, por que lá tambem está Deus e o vosso coração se expandirá esquecendo as amarguras da vida e entrevedendo as delicias do Céu.

## JESUS

### EM FACE DA LEI E DA MORAL

A morte de Jesus pôde ser encarada em face da Lei ou em face da Moral.

No primeiro caso foi um acto de Justiça e no segundo foi um crime.

Acto de justiça se levarmos em conta que Jesus foi um revolucionario, do Bem, não ha duvida, mas revolucionario, visto ter atacado a ordem material do povo Romano e as ideias religiosas do povo Judaico.

Raciocinemos.

A prisão de Jesus foi obra dos padres, e estava de accordo com o direito. Era accusado pelos padrés de «seductor», por se levantar contra a pureza da religião. Seus inimigos machinavam sua perda, accusando-o de blasphemias e de attentados á Lei mosaica.

A auctoridade sacerdotal n'esta epoca residia em Hanan. A sua presença foi levado Jesus. O inquerito principiou, depondo duas testemunhas, pagas para tal fim, que declararam ter ouvido de Jesus estas palavras: «Eu destruirei o templo de Deus, e o reconstruirei em tres dias».

Blasphemar do templo de Deus, era considerado pela lei Judaica, o mesmo que blasphemar de Deus.

Interrogado por Hanan, Jesus calouse.

Hanan incita-o a dizer se elle o Messias; e Jesus calou-se.

Sua sentença estava lavrada.

Debaixo do ponto de vista do Judaismo ortodoxo, Jesus era um blasphemador e um destruidor do culto estabelecido, e taes crimes erão punidos de morte.

Consultada a assembléa esta respondeu pela «morte».

O sanhedrim não tinha poderes para executar a sentença de morte, só Pilatos o podia fazer.

No dia seguinte foi levado Jesus a sua presença.

Pilatos não tinha o poder de vida e morte; mas Jesus não era Romano.

Os Romanos havendo conquistado a Judéa, erão obrigados a prestigiar a lei Judaica, especialmente porque entre este povo as leis civis e religiosas se confundiam.

Para Pilatos os judeus erão atrasados, e elle os julgava da mesma maneira que um perfeito liberal, julgava os Baixos Bretões, revoltando-se pela abertura de uma nova estrada ou pelo estabelecimento de uma nova escola.

Pilatos quiz salvar Jesus, e para isto talvez tivesse cooperado sua mulher.

Assim propõe-lhe a questão n'estes termos: «Sois Rei dos Judeus?»

Jesus respondeu: «Meu reino não é deste mundo.»

Pilatos não o comprehende, mas quer salvar-o; e para isso consulta se deve soltar o criminoso «o rei dos Judeus».

Os padres comprehendem o perigo e clamão: «este não; porem Jesus Bar-Rabban.»

A população instigada pelos padres clama: «Que seja crucificado.»

Os padres declaram estar a lei em perigo, se não fór morto Jesus.

Pilatos teme um motim; mas querendo ainda salvar-o, indaga qual o seu paiz e o envia a Antipas.

Jesus continúa a guardar silencio.

O tumulto continua.

Os maiores inimigos da dominação Romana, transformam-se em defensores de Tiberio e dizem: «Aqui não ha outro rei senão o Imperador; o que se faz rei está em opposição ao imperador. Se o governador acolhe este homem, é que não ama o imperador.»

Os inimigos de Pilatos já tinham feito constar a Tiberio que elle tinha sustentado um seo rival.

Pilatos cede ao momento, consentindo na morte de Jesus, fazendo cahir sobre os judeus toda culpa.

Os judeus dizendo a Pilatos: «Nós temos uma Lei, e segundo ella, elle deve morrer; porque se intitula Filho de Deus», diziam a verdade.

Logicamente se vê que os causadores da morte de Jesus, não foram Tiberio nem Pilatos; e sim o velho partido Judaico e a lei mosaica.

Assim perante esta lei a morte de Jesus foi um acto de justiça.

A Lei, ninguem o contesta, era iniqua, mas era Lei.

E perante a Moral?

E' o segundo caso.

Perante ella foi um acto vandalico e infame; como vandalico e infames foram os castigos applicados á Humanidade durante seculos, em todos aquelles que quizeram como elle levar a effeito a reforma social.

Jesus foi um martyr do partido clerical judaico; e a sombra do seu nome, perseguiu-se, matou-se, embruteceu-se, transformando-o em Molock.

Seus discipulos intolerantes, não tem o direito de criminar o povo Judeu.

Como livre pensador, lanço uma corôa de saudades sobre o tumulo de Jesus, sacrificado ao partido clerical judaico; como igualmente lanço uma corôa de saudades, dedicada á memoria de todos os homens que tomaram, luetando pelo livre pensamento, sacrificados em vosso nome.

— «» —

### NO CALVÁRIO

A sombra de infortunio entristecera  
O vago azul do céu da Palestina,  
Quando o meigo Jesus na cruz pendera  
Sobre o peito a cabeça peregrina.

Banhava o rosto a pallidez da cêra,  
Inundado ao clarão da luz divina;  
No peito o coração não mais batera,  
Não mais fulgira a lucida retina,

No corpo frio, macilento, exangue.  
Viam-se as rubras maculas de sangue  
Que brotava dos pulsos de Jesus!

Não sei quem foi maior neste supplicio:  
Si Maria, assistindo ao sacrificio  
Si Jesus, expirando sobre a cruz!

Achilles Porto Alegre.

## JESUS

Eil-o que ahi vai arrastado, martyrisado como um vil criminoso pelas ruas escabrosas de Jerusalem.

Com o corpo vergado ao peso da cruz, com o rosto sangrando sob a corôa de espinhos que lhe rasgam as carnes, o Divino Martyr segue a direcção do Golgotha, onde, em breve o seu immaculado sangue solidificará as bases d'essa doutrina sublime por elle ensinada e que só visava o amor, o perdão e a fraternidade dos homens.

Acompanha-o, quaes feras esfamadas, uma multidão feroz, sequiosa de sangue. E elle, o meigo Jesus, mudos os labios ás queixas do martyrio, surdos os ouvidos ás imprecações do populacho feroz, volve os olhos aos céos e d'elles deixa cahir uma lagrima de dor, não pelo supplicio que lhe infligem, mas pela negra injustiça dos homens que elle tanto amára e para quem sonhára uma religião de amor!

Chega o lugubre cortejo ao lugar do supplicio, e, enquanto a soldadesca romana precipita-se sobre o corpo do Divino Mestre, aflm de arrancar-lhe a tunica purpurea, por ironia lançada sobre seus hombros, a turba com os labios arregaçados em contracções de raiva, exclama; entre gargalhadas de motejo:

Oh! rei! onde estão tuas legiões?

Subito cessa o rumor. Ouvem-se pancadas surdas e em seguida surge d'entre uma floresta de lanças scintillantes, os braços abertos da cruz tendo nelles seguro o corpo macerado do meigo Nazareno.

Novo clamor rebenta cortando o espaço. A multidão agglomerava-se em torno da cruz para nada perder do desfecho fatal e para melhor poder insultar o «Condemnado». Este deixa seu meigo olhar cahir sobre seus algozes, eleva-o depois aos céos e seus labios murmuram: «Perdoai-lhes meu Pai. Elles não sabem o que fazem».

X

— «» —

### A Paixão

A igreja catholica faz lembrar na presente data a sentença que a fraqueza de um juiz fez assignar condemnando Jesus de Nazareth á morte degradante da cruz.

A tradição aponta-nos n'aquelles tempos de perversidade, em que o Cezarismo de Roma amordaçava as consciencias, fazendo tremer os Pilatos que infelizmente se perpetuão, a figura de Jesus abatendo os poderosos da terra com a humildade de suas palavras e os portadores de sua fé evangelizando os povos a custa de grandes martyrios.

Mas a prophécia de Elias tinha de cumprir-se. Era preciso o sacrificio para firmar a crença. Era preciso a morte para divinizar Jesus no Calvario. E eil-o em caminho da gloria de sua doutrina, fitando o término d'aquella tragedia, chagado o corpo, abatida a fronte, pedindo o perdão para seus algozes, o espirito para o alem encommendando.

Sylvio de Alencar.

**MARTYRIO**

(Excerpto do «Suivons-le»)

O cortejo sahio da cidade e dirigio-se para o Golgotha.

No centro scintillavam oa gladios e as lanças dos guerreiros romanos. Atraz d'elles caminhava Jesus de Nazareth.

Um manto de purpura tinha sido lançado sobre seus hombros e de sua fronte, cingida por uma corôa de éspinhos, corria o sangue.

As gottas vermelhas deslisavam lentamente e algumas coagulavam-se em suas faces onde ficavam semelhantes ás petalas de uma rosa, ou ás contas de um rosario.

Estava pallido e caminhava lentamente, com passo fraco e mal seguro. No meio das zombarias da multidão elle parecia como mergulhado em um sonho que transpunha os limites do mundo visivel, como que desligado da terra e surdo aos clamores de odio.

Tinha um ar de perdão que excedia a medida do perdão humano, de commiserção que ia além da piedade dos homens, aureolado já pelo infinito, bem alto, acima do mal terreno, doce e soffrendo pelos males da humanidade. A brisa brincava em seus cabellos, os reflexos vermelhos do seu manto cahia sobre o seu rosto pallido e diaphano.

A multidão, que arremeçara-se para elle, cercou os soldados que viram-se obrigados a armar os órcos afim de preservarem o «Condernado» do furor do populacho. De todos os lados erguiam-se punhos crispados; viam-se olhos injectados e labios cuspindo maldição.

Elle lançou em torno um olhar como para perguntar: «Que mal vos fiz eu?» Em seguida voltou os olhos ao céu e orou. N'este momento os soldados lançaram-n'o por terra, applicaram-lhe os cravos ás mãos e começaram a enterrar-os a golpes de martello. Ouviu-se o choque amortecido do ferro contra o ferro, depois o som tornou-se mais distincto á medida que os pregos entravam na madeira.

A multidão novamente calou-se para poder gozar dos lamentos que a dôr deveria arrancar dos labios de Jesus.

Porem este permaneceu mudo, só se ouvia os golpes sinistros do martello.

Emfim quando a tarefa ficou concluida, o corpo do Suppliciado foi erguido, pregado ao lenho. Com voz monotona o centurião deu uma ordem e immediatamente um dos soldados começou a pregar ao poste os pés do Nazareno.

As nuvens, que d'esde manhã se agglomeravam, agora escondiam o sol. A luz baixou. Uma sombra sinistra envolveu toda a região e condensou-se a medida que o sol sumia-se no fundo das nuvens. Dir-se-ia que alguém, do alto, semeava trevas esmagadoras.

A tempestade se approximava... Tudo respirava anciedade.

A penumbra velava o corpo suspenso na cruz e no madeiro escuro seu peito arfava com um respirar arquejante, porem

sua cabeça e seus olhos conservavam-se sempre voltados para os céos.

Do fundo das nuvens se fez ouvir um surdo ribombar. O trovão acordou-se, rolou com um estrepito ensurdecador, do oriente para occidente; depois, como se cahisse em um precipicio sem fundo, enfraqueceu, redobrou, para finalmente re-bentar numa explosão que abalou a terra até suas entranhas.

A cabeça do Nazareno enclinara-se para o peito, pallida e bella... Estava morto.

— « » —

**ANTE TU IMÁGEN**

Noble imágen del Martir soberano  
Y obra la más feliz de egregio artista,  
Infunde luz al alma y á su vista  
Se dice con orgullo... ! Soy cristiano !

Esculpido al cincel del realismo  
Vese allí la verdad; la muerte airada;  
La dura contraccion; la artéria hinchada:  
! El último estertor del heroismo !

! La sangre que se escapa por la herida;  
El suspiro que brota de su labio;  
El perdon generoso á tanto agravio !...  
! El adios á su madre tan querida !

Del suplicio cruel la horrible calma:  
El fulgor de su frente peregrina...  
Lo que no está expresado se adivina;  
! Lo que no ven los ojos lo ve el alma !

! Imágen de mi Dios crucificado,  
Del arte y de la fé sagrada historia,  
Por tí me siento digno de la gloria  
Y por tí me horrorizo del pecado !

! Nueva existencia por tu amor empiezo,  
Y en prueba de lo mucho que te adoro,  
Aqui, á tus plantas, te bendigo y lloro;  
Aqui, á tus plantas, me arrodillo y rezo !

! Por borrar de um delito los enojos  
Vinieron en la sombra á colocarte,  
Pero nos sobra luz para mirarte  
Con los divinos rayos de tus ojos.

X—IV—MCMIII

— « » —

**JESUS**

Sinite parvulus venire ad me.

Na pregação de sua moral sublime, moral que apesar de todos os systemas philosophicos ha atravessado os tempos, sem padecer a menor alteração, Jesus, que perdoara a adúltera, mandando que lhe atirasse a primeira pedra, aquelle que se julgasse immune do peccado, reprehende o discipulo que afastara de si as criancinhas, dizendo:

— «Sinite parvulus venire ad me.»

Esta predileção pelos innocentes patenteava a candidez daquelle grande espirito que havia baixado á terra para, portador de uma doutrina baseada no amor e caridade, dar ao mundo exemplos de humanidade e resignação.

Não fizera proselytos entre os grandes.

Revolucionario—Jesus com a palavra arrastava as multidões, avidas de ouvir-o.

Era com a parabola que elle zuzzia os avarentos; era com a parabola que implantava no espirito do povo a sua inexcusable philosophia.

Os aulicos, os potentados da terra, os oppressores dos povos, viam com maus olhos o humilde filho da Galiléa que, dispondo apenas da palavra, fazia proselytos entre os pequenos e os humildes ?

D'ahi—a tempestade que se formava em redor do Nazareno, tempestade breve a explodir e que teria por palco as ruas de Jerusalém.

Christo, porém, continuava na sua gloriosa missão.

Arauto de uma doutrina que continha verdades nunca ouvidas, arauto de uma philosophia que abalava o throno dos Cesares,—Jesus que pregava o amor e a caridade, não esqueceu as creancinhas as quaes acariciava.

Justo é pois, que nós, que seguimos os exemplos de Jesus, tratemos de levar a effeito nesta terra o «asylo de orphãos», essa grandiosa idéa já implantada na alma popular.

Só assim, quando esse estabelecimento util e de grande necessidade abrigar as creancinhas ao desamparo, envoltas na noite da orphandade, podemos dizer com Jesus:

— «Sinite parvulus venire ad me».

X

— « » —

**UM TRECHO DE RENAN**

«Está consummado!» Sua cabeça reclinou-se sobre o peito e elle expirou.

Agora repousa em tua gloria, nobre iniciador.

Tua obra está acabada; tua divindade firmada.

Não mais temas ver abalado, por uma falta, o edificio que levantaste a custa de tamanhos esforços. D'aqui em diante, fóra dos ataques da fragilidade, assistirás do alto da paz divina, ás consequencias infinitas dos teus actos. A custa de algumas horas de soffrimentos, que nem sequer attingiram tua grande alma, adquiriste a mais completa immortalidade.

Por muitos milhares de annos o mundo vai depender de ti ! Bandeira das nossas contradicções, serás o signo em torno do qual ferir-se-ha a mais ardente batalha. Mil vezes mais vivo, mil vezes mais amado depois da tua morte do que o foste quando de passagem por este mundo, virás a ser de tal modo a pedra angular da humanidade que, arrancar teu nome d'este mundo seria abalal-o até seus alicerces. Entre ti e Deus, não haverá mais distincção.

Plenamente vencedor da morte, toma posse do teu reino aonde seguir-te-hão, pela estrada real que traçaste, seculos inteiros de adoradores.

INP. NA TYP. DA LIVRARIA MODERNA

**8 Rua Republica 8**

FLORIANOPOLIS